

SOFRIMENTO FAZ FILHAS BUSCAREM OS PAIS

Afogados de Ingazeiras (PE) — Muita gente já abandonou casas na Matinha, zona rural de Afogados da Ingazeira, cidade de 31 mil habitantes, a 450 quilômetros de Recife. Famílias inteiras foram para São Paulo. E para Brasília. São casas de taipa ou tijolos feitos artesanalmente. Três quartos. Dois. Sempre sem banheiro, porque lá não tem água encanada. Mas sempre muito melhor do que um migrante pobre pode imaginar para morar em uma cidade longe do sertão nordestino.

As duas irmãs Josefá Quitéria da Silva, 40, e Nilda Maria Lino Gonçalves, 49, tinham casa lá. Também abandonaram. Elas já perderam as contas e quantos parentes têm espalhados pelo Distrito Federal e Entorno. São irmãos, sobrinhos, tios, primos. Talvez 50 pessoas, talvez mais.

Zefa mora há sete anos em uma invasão de Ceilândia. Trabalha em padaria. Nilda, há 15, em Santo Antônio Descoberto. Ela e o marido são caseiros de chácara. As duas já tentaram voltar para Matinha. Venderam lotes no DF. Acabaram diversas vezes retornando para Brasília.

Mas ficou mãe e pai. A saudade e a lembrança da miséria em que viviam na Matinha levou as filhas de volta. "Aqui, eu passava dias de



Josefá e Nilda, ambas com meninos no colo, já perderam a conta de quantos parentes têm morando em Brasília

chorar com fome. E trabalhava muito na enxada. Na foice. Mas não tinha inverno", conta Nilda. Inverno é como chamam a época de chuvas. As duas irmãs foram buscar dona Quitéria da Conceição, 76, e seu Argemiro Lino, 86.

Vão embarcar em um microônibus que faz a rota Afogados da Ingazeira/Brasília de oito em oito dias. Carro particular, de um ho-

mem que tem medo de falar sobre o assunto. Já foi pressionado pela Itapemirim, por causa da concorrência. Três vezes por semana, os ônibus da empresa passam por Afogados em direção ao DF. O microônibus muitas vezes sai do sertão acompanhado por outros veículos, que levam mudanças.

A matinha é um lugar bonito. Está passando pela seca verde, co-

mo é chamado o viço temporário das árvores rasteiras. O lugar é cheio de morros de pedras. As casas são limpas. O povo é bonito. Comunicativo. E solidário na fome. Mas a falta de chuva arrasa esperanças.

"Chove um pouquinho, dá pra cortar a terra. Quando planta o feijão, o pé tá desse tamaninho, o sol mata; desanima o povo", diz Qui-

téria, uma velhinha ativa que mora sozinha com o marido e faz todo o serviço de casa. Até um fogão de barro construiu sozinha. Só a palma sobrevive com pouca água. É um tipo de cacto que serve como comida para o gado. O povo aproveitou a chuvinha fina e plantou palma pra todo o lado.

Na vizinhança, muita gente conhece o trajeto para Brasília. "Eu não passo outra seca aqui. Vou embora, se não chover", avisa Cosme da Silva, 56 anos. Ele também tem uns 50 parentes espalhados por Taguatinga, Céu Azul, Posto Ipê, no Entorno goiano. Expedito Jacob tem quatro filhos em Brasília — o primeiro foi há quatro anos, o último há três meses. Na região, todo mundo conhece alguém que foi embora para Brasília.

Na área urbana de Afogados, não é diferente. O sonho dos jovens é completar 18 anos e ir embora. São Paulo e Brasília. São as opções mais frequentes. "Aqui não tem esperança", diz o estudante Jean Lopes Barbosa, 15 anos, que está fazendo a 7ª série. Seu amigo não pensa em sair da cidade. Mas também não quer muito na vida. "Só vou fazer o segundo grau. Fazer faculdade não adianta. Não tem emprego!" — resume Wellington Brandão Pereira, 16, estudante de supletivo da 5ª e 6ª séries. (C.A.)